

## Recensão Crítica

Correia, Mickaël (2018). *Une histoire populaire du football*. Paris: Éditions La Découverte, pp. 408.

[https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_8\\_11](https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_11)

Mickaël Correia é um jornalista independente, com importante participação em projetos alternativos na área dos *media*, e que publicou em 2018 o seu primeiro livro. Trata-se de uma *história popular* do futebol (o título do volume é, por si só, elucidativo do que aqui está em jogo...), obra que se nos afigura bastante interessante por diferentes motivos. Redigido de um modo atraente e acessível, estamos perante um livro cuja leitura se aconselha vivamente a historiadores, a sociólogos, a investigadores de ciências políticas e a adeptos do futebol em geral. Desde logo, porque nos permite observar as relações que este jogo manteve, ao longo sobretudo dos dois últimos séculos, com diversos grupos e movimentos emancipatórios das sociedades contemporâneas. Com efeito, se, por um lado, é indiscutível que hoje o futebol «encarna mais do que nunca as derivas do capitalismo desenfreado» (p. 5) – os principais antigos clubes converteram-se em sociedades anónimas desportivas, tendo os seus tradicionais adeptos dado lugar a acionistas, por exemplo –, por outro, é preciso não ignorar aquilo a que Mickaël Correia chama a *outra face do futebol*, a saber, a sua dimensão subversiva e o seu papel de resistência

«à ordem estabelecida, seja ela patronal, colonial, ditatorial, patriarcal ou tudo isto ao mesmo tempo» (p. 9).

Na esteira epistemológica de quem faz “history from the bottom up”, *Une histoire populaire du football* visa, assim, resgatar o papel que o chamado *desporto-rei* desempenhou nas classes e nos grupos mais desfavorecidos das sociedades capitalistas. Para cumprir este objetivo, o livro não apresenta um trajeto meramente cronológico, conquanto mantenha um rigor historiográfico assinalável. A obra compõe-se de vinte e dois capítulos (tantos quanto os elementos que participam num jogo de futebol) que fazem «circular a narrativa, à maneira de uma bola, no imenso campo de luta que é o “planeta futebol”, de Manchester a Buenos Aires, de Dakar a Istambul, de São Paulo ao Cairo, de Turim a Gaza...» (ib.). A diversidade de abordagens não se esgota na dimensão geográfica, dado que Mickaël Correia não desperdiça a oportunidade e mostra como o futebol, na sua complexidade multidimensional, albergou (e continua a albergar) inúmeros combates sociais, entre os quais o menor não foi (e não é) sem dúvida nenhuma o da luta pela igualdade

de género através do impropriamente chamado *futebol feminino* (a verdade é que raramente ou mesmo nunca se fala no futebol masculino...).

Tal como no jogo mais emocionante é difícil escolher qual o futebolista que melhor exhibe as suas qualidades, também não é simples destacar qual o capítulo mais importante desta história popular do futebol. Corramos, ainda assim, esse risco. Centremos a nossa atenção, por exemplo, no capítulo décimo. Intitula-se “O onze da independência argelina. Uma luta de libertação em chuteiras” e começa recordando as célebres declarações do escritor francês de origem argelina Albert Camus acerca da importância do papel que o futebol desempenhou na sua própria formação moral. De resto, sublinha Mickaël Correia, Camus evoca na sua obra recordações de um futebol multicultural, «símbolo de uma aliança fraternal entre as comunidades muçulmanas, judias e europeias do Magrebe» (p. 151). Ora, importa não esquecer que o futebol constituiu «aos olhos das autoridades coloniais, um instrumento de aculturação dos “indígenas”» (ib.). Contudo, e é essa ambivalência conflitual do fenómeno futebolístico que o

livro não se cansa de realçar (o futebol foi quase sempre alvo da cobiça dos mais poderosos, enquanto instrumento de manipulação, mas muitas vezes *o feitiço virou-se contra o feiticeiro...*), o jogo irá funcionar também como um extraordinário instrumento emancipador na luta de libertação argelina. Desde logo, com o aparecimento, na década de vinte do século passado, de clubes formados exclusivamente por “indígenas” que começaram a competir nas provas locais e que, com o aumento da popularidade do futebol, servirão de «vetor de politização anti-colonial» (p. 152). Para combater tal dinâmica identitária, as autoridades coloniais chegam mesmo a impor em 1937 uma legislação muito específica para os clubes muçulmanos, determinando administrativamente que estes tenham «uma quota de três, e mais tarde cinco, jogadores europeus por equipa» (p. 153). A decisão não foi naturalmente bem aceite e os colonos acabaram mesmo por voltar atrás, revogando essa lei em 1945.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o processo de descolonização à escala mundial torna-se aparentemente imparável. No entanto, ao contrário do que sucedeu noutras

ex-colónias, a situação na Argélia desembocou numa longa e violenta guerra, da qual o futebol não esteve ausente como Mickaël Correia relata, por exemplo, no passo seguinte: «Na primavera de 1956, estavam apurados para a final da Taça da África do Norte dois clubes de Sidi Bel Abbès: o SC Bel Abbès, equipa dos *pieds-noirs*, e a União desportiva muçulmana de Bel Abbès. Mas estala uma polémica acerca da titularização de um jogador do SC Bel Abbès que se encontrava oficialmente suspenso. Tendo Marrocos e a Tunísia acabado de recuperar a sua independência durante o mês de março, o clima político argelino é explosivo e esta querela futebolística desencadeia uma vaga de protestos populares por todo o país. Com medo que a situação degenera, o governador geral da então província norte-africana anula o jogo, provocando a ira da Frente de Libertação Nacional (FLN) que convence imediatamente o conjunto dos clubes muçulmanos de futebol a boicotar definitivamente toda e qualquer competição» (pp. 153-154).

Mas um ainda maior entrosamento entre a FLN e o futebol virá a acontecer dois anos mais tarde, quando os

independentistas aliciam uma comitiva de pouco mais de uma dezena de futebolistas argelinos, que atuam nos principais clubes franceses, a protagonizar uma fuga em direção a Tunes, capital da Tunísia e que era a sede do governo provisório da República da Argélia (CPRA). A repercussão mediática do exílio destes jogadores (alguns deles internacionais da seleção francesa) foi enorme, quer em França, quer noutros países porquanto a FLN organizou diversas digressões com a sua “equipa”, que realizou mais de oitenta jogos em catorze países diferentes, designadamente no Leste da Europa, no que constituiu uma importante forma de propagandear a causa da independência argelina, acordada em 1962. Ora, a aventura da seleção da FLN é narrada por Mickaël Correia de um modo fascinante, permitindo-nos acompanhar as peripécias vividas pelo goleador Rachid Mekhloufi, jovem esperança do Saint-Étienne e do futebol gaulês, ou o defesa do Mónaco Mustapha Zitouni, por exemplo, até ao final feliz da sua epopeia, quando, após o seu vitorioso e decisivo exílio, regressam ao campeonato francês já oficialmente considerados internacionais do novo país, a Argélia.